

A CONTRIBUIÇÃO DOS INDEFINIDOS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO ENTRE O DITO E O SUGERIDO.

Joana D'arc Rodrigues da COSTA (Universidade Federal do Piauí)

RESUMO: Compreendendo que os pronomes indefinidos não são usados pelos falantes estritamente como palavras que marcam indefinição e sentido vago, mas que em contextos e conforme a pretensão do enunciador podem indicar um sentido, ou pelo menos, conduzir o enunciatário a um determinado sentido propomo-nos a analisar essa classe em usos efetivos da língua, de que forma eles aparecem e o que implicam. Visando a objetividade do trabalho, desenvolvemos nossas análises nos limitando aos usos das palavras: *ninguém, nada, todo, algo, tudo, muito, pouco, qualquer* encontradas nos editoriais dos jornais Meio-Norte, O Dia e Diário do Povo veiculados durante a primeira quinzena do mês de julho de 2010. Essas palavras foram avaliadas conforme seu papel no enunciado; suas funções sintático-semânticas e o sentido atribuído por elas na sua relação intersubjetiva.

PALAVRAS-CHAVES: Língua em uso. Indefinidos. Sentidos.

1. Introdução

Os pronomes indefinidos são normativamente conceituados como sendo palavras que indefinem algo, tornando-o vago, impreciso ou genérico quanto a referência. Porém, ao observarmos a língua em situações de uso efetivo, é possível perceber que elas não se resumem a tal definição.

Conforme tal observação e adotando os pressupostos apresentados por Benveniste (1988), adotamos esses pronomes como palavras que podem atuar em dois domínios: o semiótico e o semântico, ou seja, são signo que integram uma frase e, podem, em usos efetivos da língua constituírem empregos concentrando em si uma significação na língua como um sistema coletivo, ou uma significação construída pelo falante, ou seja, individual conforme sua pretensão.

Na abordagem proposta, os indefinidos representam uma parcela significativa na construção do sentido entre o dito e o sugerido, embora estejam inseridos na categoria de não-pessoa, já que indicam conceitos ou noções gerais, implicando pessoas, lugares ou coisas, atribuem referência em uma situação enunciativa, relativo ao uso da língua que inclui pessoa, tempo e espaço (sempre relacionados ao enunciador).

Com base no pressuposto descrito, propomos uma descrição da língua em seu funcionamento apresentando os usos das palavras que indicam “indefinição”, isto é, os pronomes indefinidos, analisando e identificando os sentidos promovidos pelos sujeitos em enunciados, aprofundando a ideia de que eles marcam de forma implícita seus referentes que podem ser identificados muitas vezes pelo co(n)texto, observando as relações sintático-semânticas que se estabelecem.

Porém não temos, aqui, a pretensão de trabalhar com classificações, mas com seus valores produzidos pelos enunciadores e valendo-se da unicidade dos enunciados e de tudo que o envolve.

Para tanto, desenvolvemos nossas análises nos limitando aos usos das palavras: *ninguém, nada, todo, algo, tudo, muito, pouco* e *qualquer* encontradas nos editoriais dos jornais Meio-Norte, O Dia e Diário do Povo veiculados durante a primeira quinzena do

mês de julho de 2010. Essas palavras foram avaliadas conforme seu papel no enunciado; suas funções sintático-semânticas e o sentido atribuído por elas na sua relação intersubjetiva.

1. Os pronomes indefinidos e suas versões: abordagem tradicional, funcional e enunciativa.

1.1 Os indefinidos vistos normativamente.

No tocante à apresentação dos pronomes indefinidos pelas gramáticas normativas, não são verificadas divergências significativas. Os autores consultados (SACCONI (2008); BECHARA (2006); VILELA (1999)) apresentam essa classe basicamente sob as mesmas características.

Para Sacconi (2008), os pronomes indefinidos são palavras que se referem à terceira pessoa de modo vago ou impreciso, que podem variar em gênero e em número. De acordo com essa possibilidade, tais palavras são organizadas em um quadro onde são identificados de acordo com suas flexões, como se vê na ilustração da tabela I:

Tabela I: Pronomes Indefinidos

Invariáveis		Variáveis			
	Algo	Cada	Algum	Certo	Tanto
m	Algué	Outren	Nenhu	Divers	Qual
	Nada	Que	Todo	Vário	Qualq uer
ém	Ningu	Quem	Muito	Outro	Um (quando isolado)
	Tudo		Pouco	Quant	

(SACCONI, 2008, p. 225)

Observa-se que os pronomes são distribuídos na tabela conforme sua flexão. De um lado os pronomes invariáveis, aqueles que não sofrem flexão de número e de gênero e, do outro, os pronomes que se flexionam.

Da mesma forma e com os mesmos adjetivos, Bechara (2006) define os indefinidos como palavras usadas para referir-se à terceira pessoa quando tem sentido vago ou exprime quantidade indeterminada. Mas acrescenta o conceito anterior quando atribui à divisão variáveis/invariáveis uma função textual.

Para o autor, os pronomes variáveis funcionam como pronomes substantivos, ou seja, em determinados enunciados fazem as vezes de substantivos já que os substituem, enquanto que os variáveis funcionam como pronomes adjetivos, isto é, pronomes que fazem referência a substantivos determinados, eles acompanham os substantivos.

No entanto, o autor manifesta a dificuldade em diferenciar entre “simples indefinido” (BECHARA, 2006, p. 163) e quantitativo já que os indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta. Assim, essa classe pode ser usada para indicar todos os indivíduos de um conjunto ou parte desse.

Sobre esse aspecto, Vilela (1999) caracteriza os pronomes indefinidos como

Palavras que denotam uma quantificação ou qualificação imprecisa, ou, ao invés, determinam quantidades (totalidade) ou qualidades com precisão. Desse modo, quantificam uma pluralidade (muito, pouco, algum) ou uma totalidade no seu todo ou conjunto vazio (todo, tudo, nada, nenhum) etc. (VILELA, 1999, p. 227)

Nessa abordagem normativa, impressiona-nos como uma categoria tão diversificada, com tantos vocábulos é tratada da mesma forma e de forma tão breve e resumida. Os autores consultados ocupam-se do assunto em apenas uma lauda ou menos ficando para maiores esclarecimentos a parte reservada para os usos desses pronomes. Porém, tais explicações não visam a linguagem em usos efetivos, mas sim frases já concebidas e nem mesmo a atribuição de valor semântico.

Os gramáticos enumeram regras para o uso dos pronomes e o que cada um pode indicar. Por questões didáticas, escolhemos explicitar as observações propostas por Sacconi (2008), pois os demais gramáticos as apresentam de forma bastante semelhante.

Sobre o pronome *algo*, Sacconi (2008) explica que seu uso pode indicar quantidade equivalendo a *alguma coisa*; quando tal partícula vem seguida da preposição *de*, apresenta um valor partitivo mas, quando seu valor corresponde a *um tanto*, estará desempenhando o papel de advérbio e não de pronome;

Em relação ao pronome *cada*, esse é sempre usado para indicar parte de um conjunto, porém sem identificá-la.

O pronome *qualquer* pode ter implicaturas diferentes de acordo com sua localização no sintagma. Quando posposto ao substantivo ou seguido de *um* apresenta valor pejorativo. O mesmo acontece com *alguém* e suas variações, quando anteposto tem sentido positivo; quando posposto passa a um valor negativo.

O sentido expresso pelo pronome *tudo* (*a*) pode variar conforme o uso do artigo definido. Quando é acompanhado pelo artigo significa inteiro, quando não, seu sentido equivale a qualquer. Sobre esse pronome, faz-se importante completar a explicação com o que diz Vilela (1999), para quem o pronome *tudo* pode funcionar como pré-determinante, usado para acompanhar outros determinantes; no singular marca a noção de totalidade na unidade e no plural, marca a totalidade numérica ou distribucional e quando posposto ao nome, marca a totalidade, equivalendo a “inteiro”.

Nenhum é usado para generalizar uma negação.

O pronome indefinido *certo* só é usado anteposto ao substantivo. Em determinados contextos, podem sinuar ideia particularizada e um tanto pejorativa do ser, entre outros da mesma espécie, mas sem identificá-lo, com em construções do tipo: “*Certas* pessoas nem deveriam se candidatar” (SACCONI, 226)

Garcia (2010), insatisfeito com a limitação dos conceitos propostos pelas gramáticas normativas, elabora um conceito próprio que seja complexo e, principalmente, que acolha todos os vocábulos que pertençam a essa classe. Para ele, pronomes indefinidos são

Palavras de significado impreciso ou indefinido que exercem a função de adjetivo (determinando um substantivos) ou de substantivo (substituindo um substantivo), mas não implicam uma ideia de localização”. (GARCIA, 2010, p. 109)

Conforme esse conceito, faz-se necessário esclarecer os tipos de imprecisão e indefinição do significado. Para isso, o autor propõe que essa indefinição seja um parâmetro para uma subdivisão dessa classe. Assim, eles são divididos em cinco tipos:

- 1) Inexistência ou ausência de um ser ou coisa expressa pelos pronomes: nenhum, nenhuma; algum, alguma; nada, ninguém.

- 2) Totalidade de um ser, coisas ou coletividade. Provoca uma indefinição de significado indicado através das formas todo (s), toda (s), tudo e todo mundo.
- 3) Quantidade indeterminada de um ser ou coisa, indicando valor impreciso, variável como nos pronomes algum (ns), pouco (s), muito (s) etc.
- 4) Ser ou coisa indeterminada, quando não especificamos dentro da coletividade de seres ou coisas idênticas, um determinado ser ou coisa: um, algum (ns), alguém, algo, qualquer.

Esses pronomes podem apresentar um caráter distributivo (geral ou particularizado). Isso ocorre com o pronome *qualquer* que indica um ser na coletividade dos seres idênticos sem caracterização individual, ao contrario do que acontece com a palavra *certo* que contem um caráter distributivo particularizado, indicando um ser em particular dentro da coletividade de seres idênticos; ainda que indeterminado o pronome *cada* reúne o caráter distributivo particularizado, indicando todos os seres de uma coletividade,mas individualizando-os através de alguma característica ou coisa que lhe é própria. Podemos visualizar essa distinção

- Ex. (I) Qualquer pessoa resolve isso.
(II) Certo funcionário decidiu grevear.
(III) Cada professor pegou uma lembrança.

No exemplo I, o pronome *qualquer* uma indefinição, ou seja, uma pessoa, seja ela quem for, pode resolver tal situação. Já no exemplo II, a palavra *certo* foi usado não como para indicar uma indefinição, mas fala-se de uma pessoa em particular inda que seja indeterminada e, no exemplo III, a palavra *cada*,embora esteja falando de um conjunto, mas trata de forma particular cada elemento desse conjunto.

- 5) Alteridade: quando o pronome indefinido serve para indicar que um ser ou coisa é diferente ou não idêntica a um outro ser ou coisa, ainda que permaneça indeterminado. Geralmente é representado pelo pronome outro (s).

1.2 Os indefinidos vistos de um ponto funcional

Em uma abordagem funcionalista, Neves (2000) explora a classe dos pronomes indefinidos conforme sua natureza, função, papel discursivos e seus empregos.

Em relação a sua natureza esses pronomes são primeiramente, palavras não-fóricas, pois não assumem em seus empregos “a função de instruir a busca da recuperação semântica na situação ou no texto” (NEVES, 2000, p. 533), exceto o pronome outro quando esse é usado para estabelecer referência comparativa genérica.

Mas a autora faz uma oportuna advertência:Indefinição não implica Indeterminação. “Ser indefinido significa ser não-particularizada, não-restrito, e ser indeterminado significa ter uma extensão não-determinada ou não-fixa” (NEVES, 2000, p.533). portanto, uma palavra pode ser determinada mas não definida.

Os pronomes indefinidos constituem uma classe de elementos de natureza heterogênea, ou seja, uns são indefinidos quanto a referência, outros quanto a quantidade. Porém, ambos implicam uma indefinição semântica. Os primeiros são chamados indefinidos de identidade e os segundos são os indefinidos de quantidade.

Para explicar a função desses pronomes, Neves (2000) considera seu comportamento em sintagmas nominais, já que eles podem ser nucleares ou periféricos.

Compreende-se por nucleares aqueles pronomes que por si próprios constituem um sintagma, são chamados na gramática normativa de pronomes substantivos, e por

periféricos aqueles que incidem sobre um substantivo, constituindo um adjunto adnominal, normativamente conhecidos como pronomes adjetivos.

Tal classificação não se limita a uma especificação sintática, mas também implica uma especificação semântica uma vez que os elementos periféricos operam indefinição para o nome que acompanha, ou seja, são indefinidores do nome que constitui o núcleo do sintagma e os nucleares constituem, em si, sintagmas indefinidos (são os indefinidos propriamente ditos).

Enquanto os periféricos constituem a indefinição do sintagma nominal, mas sem comprometer as propriedades descritivas do nome; os nucleares são sempre determinados, eles carregam em si as propriedades, como por exemplo os pronomes *algo*, *nada* que apresenta um traço [-humano], e os pronomes *alguém*, *ninguém* que sempre apresentam o traço [+humano]. Portanto, esses pronomes são determinados, mas não são definidos.

Ocupam o espaço dos indefinidores os pronomes variáveis (algum, alguma, dentre outros) e os indefinidos são os invariáveis que podem se referir a coisas designadas por substantivos de qualquer gênero ou a pessoas de qualquer sexo.

Em relação ao papel discursivo dos pronomes indefinidos, Neves (2000) reforça a ideia de que essa classe é por natureza não-fórica, ou seja, não recuperam informação. Dessa forma, constitui como papel discursivo a modalidade dos enunciado em que eles se empregam. Alguns não determinam o modo de interação, aparecem em enunciados declarativos ou interrogativos, sem contudo operarem atos ilocutórios, pois não interferem na natureza interativa do enunciativo. Atuam nesse contexto os polarizados (positivo/negativo): tudo/ nada, alguém/ninguém, algum/nenhum e os não polarizados, como cada, muito, pouco, vários, diversos, etc.

Outros operam atos ilocutórios, pois definem a natureza interrogativa, seja ela direta ou indireta como os pronomes interrogativos (que, quem, qual e quando); definem uma natureza declarativa, geralmente através de indefinido de natureza quantitativo (quando); definem uma natureza exclamativa (ao mesmo tempo que quantificam ou intensificam).

1.3 Os indefinidos como potenciais de sentido

Para Benveniste (2005), as palavras apresentam-se sob dois domínios, um semiótico outro semântico, ou seja, atuam como um signo que compõe a língua e seu sentido é o próprio dado na língua e como palavras que apresentam seu sentido em construção em conjunto com os demais elementos de um enunciado. .

No caso de nosso trabalho, os indefinidos são assim considerados. São signos que no uso da língua, integram as frases e assim contribuem para seu sentido.

Quanto à significação, essas marcas podem apresentar um sentido restrito, encerrado à língua como um sistema coletivo ou/e uma significação relativa à língua em seu uso efetivo, com uma referência proposta pelo enunciador.

Com base nessa definição, Flores [et. al.] (2008) propõe que os indefinidos sejam reconhecidos como língua e compreendidos como língua, ou seja, reconhecidos como elemento que compõe a língua, mas compreendidos como elementos, cujo sentido é construído na situação de uso dessa língua.

Portanto, em enunciados, os indefinidos reservam parte da significação que têm na língua e expressam sentido único relativo ao uso da língua, eu-tu-aqui-agora. Podem atribuir referência a uma situação que inclui pessoa e tempo-espço.

Assim como na abordagem normativa, aqui também os indefinidos são caracterizados como marcadores de não-pessoa e como tal, indicam conceitos, noções gerais que, na e pela enunciação, se especificam, ou seja, são signos atualizados.

No entanto, essas palavras podem indicar indefinição, definição, indefinição parcial ou, pode indicar indefinição e definição ao mesmo tempo. Para isso, essas palavras devem ser consideradas em relação com as demais presentes no enunciado, já que todas contribuem para a complexidade de um enunciado, para a sua ideia.

Baseando-nos na fundamentação elaborada, organizamos nossas análises com o propósito de averiguar essas marcas e como elas são usadas.

2. Os indefinidos e suas implicações semânticas: uma análise enunciativa

Para o desenvolvimento da proposta, observamos o que essas marcas, pronomes indefinidos, podem indicar e como elas se comportam em textos de opinião.

Na constituição do *corpus* foram selecionados editoriais dos jornais locais Meio Norte, O Dia e Diário do Povo veiculados durante a primeira quinzena do mês de julho de 2010. Essas palavras foram analisadas conforme seu papel no enunciado; suas funções sintático-semânticas e o sentido atribuído por eles na relação intersubjetiva.

TEXTO 01: Planos de governo

“Desde ontem, **todos** os candidatos a presidente da República e a governador dos Estados e do Distrito Federal estão com seus pedidos de registros de candidaturas formalizados junto à Justiça Eleitoral.

Existe, contudo, uma coisa fundamental que não precisa estar em nenhum programa de governo, mas que é essencial para que se acredite no candidato e em suas propostas: o compromisso ético de **todo** e **qualquer** cidadão, qual seja, o de aplicar bem os recursos públicos, cumprir a lei, respeitar todos os princípios do ordenamento jurídico, ser probo e transparente e , principalmente, trabalhar muito. Serão, com efeito, inúteis **todos** os programas de governo se quem os apresenta não estiver realmente movido pelos propósitos de fazer com que eles deixem o campo das boas intenções para se transformarem em ação de governo (Jornal meio norte, 06 de julho de 2010).

Na primeira ocorrência: “**Todos** os candidatos a presidência e a governador do estado e do DF”. O pronome *todos* consta em sintagma nominal assumindo um lugar periférico, ou seja, atua como indefinidor do núcleo do sintagma, no caso, candidatos. Ao considerarmos o enunciado, percebemos que *todos* expressa totalidade relativa aos candidatos. O enunciador define *todos*, ao atribuir o sentido de todos os elementos do conjunto, ou seja, os candidatos possivelmente identificáveis.

Na ocorrência seguinte: “O compromisso ético de **todo** e **qualquer** cidadão...” os termos *todo* e *qualquer* são indefinidores do substantivo cidadão. No entanto, se considerarmos todo o enunciado, o enunciador deixa claro quem deve agir assim, através das palavras “candidato”, “programa de governo”, “propostas” embora o termo cidadão expresse uma ideia imprecisa, indefinida. Além dos termos, há ainda as atividades enumeradas pelo enunciador que descreve as atribuições dos cargos pleiteados.

E na última ocorrência do texto I: “Serão inúteis **todos** os programas se quem os apresenta não estiver realmente movido pelos propósitos...” a expressão *todos* é indefinidor do substantivo programas. Há nesse enunciado uma ideia restritiva: “serão inúteis **apenas** aqueles programas que não estiverem movidos pelos propósitos”. O

restritivos contribuem para a construção de sentido do pronome *todos* não como complexidade de um conjunto, mas parte desse.

Texto 02: Educação e crescimento.

“... Está provado que países que convivem com condições adversas já alcançaram um desenvolvimento maior que o Brasil - com **todas** as suas condições continentais – e hoje desfrutam de boas posições no cenário econômico mundial. Se o Brasil quiser concorrer ou mesmo ultrapassar países como a Coreia do Sul, a China, a Índia dentre outros, terá que correr, terá que colocar **todos** os brasileiros na escola, mesmo os de mais idade... Precisamos, por exemplo, colocar na sala de aula **todas** as crianças de até oito anos para que elas aprendam a ler e escrever, buscando romper com o ciclo de pobreza e analfabetismo das próximas gerações. (Jornal O Dia, 05 de julho de 2010)

Na primeira ocorrência: “Com **todas** as suas condições continentais” *todos* é periférico e incide sobre as condições continentais. Indica uma totalidade. Esse uso se enquadra no que os estudos clássicos consideram como indefinido.

Em seguida, na construção: “**todos** os brasileiros na escola e **todas** as crianças de até 8 anos”. Também é periférico e atua sobre “brasileiros”. O enunciador defende uma ação que deverá ser executada e os pronomes *todos* e *todas* podem indicar uma totalidade, porém é possível inferir, embora não haja restrição, que o enunciado constrói uma ideia de não totalidade já que há brasileiros que já frequentam a escola. Assim, o co-enunciador pode interpretar *todos* como aqueles que não tem acesso a escola.

Texto 03: O exemplo de Nova Iorque “Durante boa parte da década de 80 a cidade de Nova Iorque foi considerada “terra de **ninguém**”. As pessoas tinham dificuldades para andar na rua em **qualquer** hora do dia ou da noite... Hoje, em alguns momentos, tal fato ainda acontece. Mas, na maior parte do tempo, existe a presença do poder público no sentido de garantir que **todos** exerçam o seu direito de ir e vim. Quando Rudolph Giuliani assumiu a prefeitura **todos** imaginavam que ele seria um fiasco porque fez uma campanha batendo pesado na violência e na criminalidade. Em seu poder, mapeou as áreas de maior criminalidade, e identificar entre seus moradores, aqueles que tinham **qualquer** ligação com isso. **Todos** foram prontamente combatidos e presos.

Após cumpridas **todas** as etapas descritas era preciso continuar vigiando.

Um escândalo não pode ser tratado como **algo** que se encerra em si mesmo. (jornal Diário do Povo, 02 de julho de 2010).

O enunciador inicia seu texto manifestando através da expressão “terra de **ninguém**” sua opinião sobre a cidade de Nova Iorque, em um determinado tempo histórico. Tal expressão é comumente usada com o sentido de “terra sem dono”, “sem lei”. Portanto, constitui uma expressão com um sentido já determinado culturalmente.

Já na segunda ocorrência “As pessoas tinham dificuldade para andar na rua em **qualquer** hora do dia ou da noite”, *qualquer* é periférico em expressão que indica tempo. No sintagma ‘qualquer hora’ *qualquer*, assim com hora, indica tempo, equivalendo a *todos* os momentos do dia ou da noite.

Nas ocorrências com o pronome **todo** e suas flexões, como: “**todos** exerçam seu direito de ir e vim”; “**todos** imaginavam que ele seria um fiasco”; “**todos** foram combatidos” e “**todas** as etapas descritas”, embora manifestem a noção de um conjunto finito de pessoas, exceto no último caso, percebemos que nas diferentes ocorrências essas pessoas não são as mesmas, ou seja, constituem referências diferentes.

Na construção “**qualquer** ligação”, identificamos através do pronome *qualquer* o sentido de tamanho, de proporção de comprometimento com determinada situação explícita no contexto.

Em relação ao pronome *algo*, os gramáticos normativos afirmam que pode equivaler a *alguma coisa*, mas nesse caso, a palavra *algo* em comunhão com as demais palavras do enunciado manifesta um sentido não tão indefinido quanto o proposto pelas gramáticas.

3. Considerações finais

Propomo-nos neste trabalho, de forma breve, descrever os fatos da língua, ou seja, a língua em funcionamento. Adotando como objetivo apresentar usos de palavras que tem indicação de indefinição (pronomes indefinidos), buscando apreender os sentidos promovidos pelos sujeitos, observáveis em enunciados, decorrentes de relações sintático-semânticas que nele se estabelece.

As análises comprovam a hipótese de que os pronomes classificados como indefinidos não devem ser considerados apenas como palavras que indefinem, atribuem um sentido vago ou genérico a substantivos, mas que em enunciados específicos são avaliados em contextos e empregos efetivos.

Muitas são as ocorrências possíveis de análises, essas palavras sugerem sentidos variados e são bastante recorrentes na linguagem, no entanto reconhecemos que nosso trabalho se trata de uma proposta inicial, a qual temos a pretensão de aprofundarmos futuramente.

Referencias

- BECHARA, Evanildo. Pronomes indefinidos In: **Gramática Escolar da Língua Portuguesa** – Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 163 a 168.
- BENVENISTE, Émile. **Problema de lingüística geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento [et AL.]. Os indefinidos submetidos à enunciação In: **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 105 a 132.
- GARCIA, Afrânio da Silva. Pronomes Indefinidos. **Soletras**, ano X, Nº 19, p. 109 a 105, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura, Pronomes indefinidos. In: **Gramática de Usos do Português** – São Paulo: UNESP, 2000, p. 533 a 585
- SACCONI, Luiz Antonio. Pronomes indefinidos. In: **Nossa Gramática Completa**. 29 ed. São Paulo: Nova Geração, 2008, p. 225
- VILELA, Mário. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.